

Histórias periféricas do bairro de São Miguel Paulista: a Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes como centro de memórias

Keli Vasconcelos Sousa de Melo

Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia - Minas Gerais - Brasil

kelivasconcelos@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo¹ objetiva analisar a Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes como centro cultural e de memória em São Miguel Paulista, bairro da zona leste de São Paulo, SP. Para tanto, foram visitados eventos ocorridos em 2024 na biblioteca, com destaque a dois referentes à história pública: o Festival da Memória (março) e a Jornada do Patrimônio (agosto), além de um breve histórico do espaço e do bairro, fundamentado por movimentos populares e edificações importantes, como a Capela de São Miguel Arcanjo e a Companhia Nitro Química Brasileira, e o esforço de coletivos independentes para a preservação patrimonial e das memórias de seus moradores.

Palavras-chave: Bibliotecas. História pública. História social. Memória. Patrimônio. Periferias.

Considerações Iniciais

Como preservar as memórias de e em São Miguel Paulista, no extremo da zona leste de São Paulo, bairro este em que estou desde criança? Esse *insight* surge todas as vezes que cruzo os portões da Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes, equipamento da prefeitura da cidade de São Paulo, cujos corredores me viram crescer, já que as pesquisas escolares – e hoje acadêmicas – eram feitas ali. Eis um norteador para este trabalho: como esta biblioteca abrange as memórias do próprio equipamento e do bairro? Para tanto, foi realizada uma análise qualitativa de eventos culturais, em especial os que tratam de literatura produzida na periferia – chamada de literatura periférica –, que, consequentemente, retratam o patrimônio histórico de São Miguel Paulista.

Participo recorrentemente de atividades de literatura e arte, como ouvinte e/ou participante, cujas impressões são postadas em um blog pessoal, usado também como portfólio,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em 13 de junho de 2025 para obtenção do título de Especialização (Pós-Graduação Lato Sensu) em História Pública e Ensino de História.

já que a formação na graduação é em Comunicação Social – Jornalismo, e por ter também dois livros publicados e lançados no local, sou convidada a palestrar ali.

Nesse sentido, este trabalho envolve a discussão sobre acesso à memória, à cidade, à cultura e às bibliotecas, sob um fenômeno que ocorre nas cidades brasileiras: a diminuição do número de frequentadores. Antes de focarmos no objeto de estudo, ou seja, a Raimundo de Menezes, como é conhecida no bairro, fazemos uma retrospectiva da história das bibliotecas no país, de São Miguel Paulista, bairro conhecido por sua Capela de São Miguel Arcanjo, além da forte presença da luta operária, dos movimentos populares e culturais no território.

Também uma análise mais aprofundada do Festival da Memória (março de 2024) e da Jornada do Patrimônio (agosto de 2024), bem como números referentes às atividades na biblioteca, disponíveis no site prefeitura de São Paulo. Trazê-los é uma maneira de entendermos como esses eventos na biblioteca podem ser catalizadores de preservação da memória nas periferias, em especial por conta do esforço de coletivos, ações independentes e dos próprios participantes, endossando a história pública feita com o público, conforme descreve Renata Schittino (2016), sobre os estudos de Hannah Arendt, perpassando pela intersubjetividade: “Para além da histórica *polis*, pode-se notar, nesse sentido um aspecto importante da condição humana analisada por Arendt. Somos seres plurais – precisamos de um espaço de aparência para existir – precisamos da pluralidade” (Schittino, 2016, p. 39).

Andréa Telo da Corte (2021), aliás, provoca a reflexão do papel do historiador para além de um coletor de documentos e de narrativas, mas uma ponte entre o tempo presente e o passado, já que: “[...] comunidades exigem diálogos constantes com os portadores/narradores de histórias e memórias plurais, muitas vezes negligenciadas na visibilização seletiva de grupos sociais” (Corte *et al*, 2021, p. 89).

A partir desse ponto, precisamos entender as diferenças entre memória e história. Olga von Simson (2000) nos sugere que a memória é a capacidade humana de reter experiências e fatos do passado e, como repassá-los a demais indivíduos, utilizando-se de suportes como o texto, a música, a iconografia. E descreve como memória individual a resguardada por uma pessoa, por suas vivências próprias com aspectos da memória do grupo social onde se moldou, ou seja, a cidade de origem e/ou território de nascimento/maior permanência. A memória coletiva, por sua vez, tem aspectos "julgados" como pertinentes e guardados como "memória oficial da sociedade mais ampla" (Simson, 2000, p. 63). Eis os museus, hinos, monumentos, as obras e manifestações públicas, dispostos como lugares de memória. Já as chamadas memórias subterrâneas ou marginais, “correspondem a versões do passado dos grupos dominados de uma dada sociedade” (Simson, 2000, p. 64), ou seja, não estão em monumentos, e só se

expressam quando há um “conflito social” ou pesquisa aprofundada, para posteriormente fazer parte da memória coletiva.

Outro autor que emprega essa questão da memória com ênfase ao espaço, é Maurice Halbwachs (1990), quando se refere aos quadros sociais de memória, ou seja, ao vínculo que determinado local proporciona aos grupos na reconstituição de lembranças:

É sobre o espaço, o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (Halbwachs, 1990, p. 143).

Já Pierre Nora (2012) também se aprofunda sobre a memória e história, de maneira até poética, em relação as diferenças entre elas, uma vez que: “tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos [...], aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (Nora, 2012, p. 09). Indo além dele, François Hartog (2014) nos intriga ao afirmar que a memória e a história servem-se uma da outra, ou “uma história da memória” (Hartog, 2014, p. 161).

Ademais, justificamos o uso do termo “histórias periféricas”: quem é da periferia, em seus desafios diários, identifica-se como periférico. Historicamente, contudo, denominar-se assim não era “bem quisto”, haja vista que para conseguir uma oportunidade de trabalho, a identificação de morar em tais localidades poderia ser um fator restritivo para chances de empregabilidade, por exemplo. Stuart Hall (2006) argumenta que a identidade é algo em constante busca e permanente construção, sendo influenciada por agentes externos:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, evê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginávamos ser vistos por outros (Hall, 2006, p. 39).

A partir dessas reflexões, optou-se neste texto pelo uso do termo “memória” e não “memória periférica”, porém manteve-se “histórias periféricas”, já que o foco é evidenciar o esforço de coletivos e entes que atuam na biblioteca para preservação material e imaterial. Valendo-se ainda de Nora (2012), a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; já a história, uma representação do passado (Nora, 2012, p. 09).

Pensando nisso, os movimentos populares por melhores condições de moradia, trabalho, saúde e lazer nos traz à tona a necessidade de pertencimento, e da história dessas memórias, como investigaremos neste trabalho.

Bibliotecas públicas: um hiato histórico?

As bibliotecas públicas podem preservar e promover atividades para discutir memória em regiões periféricas, apesar do crescimento dos meios digitais? Segundo matéria do portal g1² (Quaresma, 2023), a cidade de São Paulo ganhou 12 bibliotecas, chegando a 106 unidades abertas, e, mesmo assim, há menos de uma a cada 100 mil habitantes, em comparação a cidades como Buenos Aires e Cidade do México. Algumas também não estão funcionando: no caso das municipais, 47 das 54 estão abertas (Quaresma, 2023). Vale lembrar que em São Miguel Paulista, a Raimundo de Menezes, nosso objeto de estudo, segue em funcionamento.

Na outra ponta, o número de frequentadores decresce: dados do Instituto Pró-Livro (IPL) divulgados pelo g1 mostraram que 17% dos paulistanos frequentaram bibliotecas, enquanto 40% disseram ter bibliotecas próximas de casa. Zoara Failla, coordenadora do Instituto Pró-Livro e elaboradora da pesquisa, tal carência permeia a dificuldade de acesso; bibliotecas abertas; acolhimento e a própria formação do leitor desde a infância, e frisa ainda “que a frequência nas bibliotecas não traduz o hábito de leitura” (Quaresma, 2023). Nas periferias, podemos afirmar que as bibliotecas são uma referência (se não a única) de difusão de cultura e sua exclusão pode ocorrer por diversos aspectos indo além de um mero desinteresse de público: esbarra-se a problemas sociais, como o apagamento histórico de populações consideradas vulneráveis ao acesso a equipamentos de cultura até a especulação imobiliária nesses territórios, como veremos mais adiante.

Nesse cenário, surgem outras indagações: como é a adesão do público a biblioteca? Quais motivações para visitá-la? O hábito de leitura por si é um motivador? A promoção de um evento cultural pode ser um desencadeador de idas posteriores? A última questão, aliás, também encontra outras problemáticas: pessoas moradoras das periferias podem ter dificuldade de acesso a outros equipamentos culturais, como museus, teatros e cinemas. Como expressado na reportagem, a maioria dos respondentes vai às bibliotecas do entorno. Como podemos, então, estimular esse acesso, especialmente as das periferias?

² Em comparação a cidades populosas como Buenos Aires, Argentina (2,7 bibliotecas a cada 100 mil habitantes) e Cidade do México (3,1). Levantamento feito pelo g1 (2018 a 2019 e 2021 a 2023) com dados da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, do World Cities Cultures Forum e do Sistema de Información Cultural, do México, e informações do Instituto Pró-Livro. O total de bibliotecas na cidade de São Paulo são 118, sendo as 54 mencionadas chamadas de bibliotecas de bairro. QUARESMA, Camila. SP ganhou bibliotecas nos últimos anos, mas taxa por 100 mil habitantes é menor do que em outras cidades da América Latina. G1, 23 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/23/sp-ganhou-bibliotecas-nos-ultimos-anos-mas-taxa-por-100-mil-habitantes-e-menor-do-que-em-outras-capitais-da-america-latina.ghtml>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Essas bibliotecas, portanto, são importantes não apenas para a promoção de lazer e de estudo, mas um ponto cultural. Entretanto, outro incômodo surge: a biblioteca é ainda vista como um ambiente para estudo.

Ao revisitarmos a história do Brasil, as bibliotecas se formaram no ambiente interno, religioso, elitizado e restritamente a homens letrados. Na colonização, por exemplo, os povos originários se viram diante da chegada dos portugueses, que mudaram drástica e forçosamente as línguas já presentes no território: nas contas de Luiz Carlos Villalta (1997), o país contava com mais de 340 línguas. Houve também a vinda forçada de cativos africanos, e mais um impacto linguístico e o espalhamento de apelidos, dialetos e fusão de linguagens, na tentativa de facilitar a comunicação; meios esses considerados ‘vulgares’ pelas elites europeias presentes aqui, que consideravam que esses povos originários necessitavam de ‘Lei, Rei e Fé’ (Villalta, 1997, p. 331).

Com a chegada dos jesuítas para a catequização cristã-católica, nela vieram as primeiras cópias de documentos da igreja, já que o acesso ao livro ainda cabia a essas alçadas e também as universitárias, após a introdução em terras brasileiras das escolas às elites. Outro ponto é o hábito de ter livros físicos (Villalta, 1997, p. 385): a inacessibilidade era evidente até mesmo aos estudantes. Como boa parte da população à época não dominava a língua, houve a propagação de outro hábito, difundido pelos estudantes das universidades portuguesas: o “ouvir ler”, ou seja, quem sabia a língua lia em praça pública. Isso nos dá pistas das primeiras leituras públicas, ou mesmo aos atuais saraus presentes nas bibliotecas públicas, ou seja, o privado torna-se público (Villalta, 1997, p. 385).

Jesús Martin-Barbero (1997) também relata esse tema, sobre a difusão do cordel na França e Espanha (séculos XVII a XIX), utilizada seja para enaltecer a religiosidade, seja para a arte profana do povo, em um trânsito entre o oral e o escrito (Martin-Barbero, 1997, p. 99; 141). Mesmo com uma população considerada “iletrada”, o cordel continha recursos iconográficos e escrita musicada e poética, também considerada “vulgar” (Martin-Barbero, 1997, p. 143), maneira popular de expressão e reunião em grupo, em meio à fogueira, para tratar de questões da comunidade, do riso às discussões mais acaloradas, cuja cultura ia muito além das letras impressas, tornando-se uma mediação (Martin-Barbero, 1997, p. 146).

Considerados um modo de difusão a outros fora desse núcleo (Martin-Barbero, 1997, p. 145), esses impressos também incluíam a própria aristocracia, tornando-se uma inversão de poderes: as elites tinham a leitura solitária, enquanto as comunidades produziam leituras próprias: “Trata-se de uma ‘leitura oral’ ou auditiva [...]. Porque ler para os habitantes da cultura oral é escutar [...] reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva” (Martin-Barbero, 1997, p. 148).

Voltando ao Brasil e avançando nosso retrospecto, chegamos a literatura alternativa nos anos 1920 em São Paulo, período marcado pelo desenvolvimento intenso, angariando a chancela de “a cidade que mais cresce no mundo”. Elias Thomé Saliba (2002) aponta que o “inchamento” provocado pela urbanização e industrialização trouxe como consequência o deslocar às margens as populações mais vulneráveis, refletido, segundo o autor, na produção literária (jornais, revistas e demais impressos), em que se sente um “esquecimento” do que fora a São Paulo antes desse processo: “um ofuscamento das lembranças pessoais e da memória coletiva. [...] o universo forjado pela imigração maciça não chegou a romper com o universo social de sobrevivência dos ex-escravos [...]” (Saliba, 2002, p. 155-156). Para o autor, essa construção da memória sofreu um apagamento, porém encontrou-se um refúgio por meio de produções literárias: “restando a lembrança do tempo vivido, como testemunha ou evocação, ou abandono definitivo da crônica [*chronus*], um gênero que nasceu e cresceu colado ao seu tempo” (Saliba, 2002, p. 190).

Por outro lado, como explicita mais uma vez Halbwachs (1990), as memórias são coletivas e no caso das pessoas das periferias, tornam-se também fontes de resistência e de afetos, para evitar justamente esse apagamento:

Para que essa resistência se manifeste é preciso que emane de um grupo. Com efeito, não nos enganamos sobre isto. Certamente, é inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem alguns indivíduos em seus hábitos, [...] mas a população pobre também não se deixa deslocar sem resistência, sem ressentimentos, e mesmo quando cede, deixa para trás muitos traços de si mesma (Halbwachs, 1990, p. 137-138).

Após a apresentação da problemática e retrospectiva, avançamos em nossa pesquisa, envolvendo coleta bibliográfica de temas que tratam de literatura periférica e bibliotecas culturais, reportagens e acervo textual e iconográfico de sítios da web sobre o objeto de estudo, a Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes, o que inclui as páginas das redes sociais (Instagram e Facebook), bem como os eventos analisados (Festival da Memória e a Jornada do Patrimônio).

O levantamento bibliográfico englobou consultas do acervo do objeto de estudo, repositório da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), usando a teoria booliana (termos “ou”, “não” e “e”; OR, NOT, AND, do inglês). As palavras-chave usadas foram “literatura periférica”, “memórias periféricas”, “bibliotecas públicas” e “São Miguel Paulista”, optando-se predominantemente pelo uso do termo “AND” nas combinações; bem como pesquisas sobre o bairro e suas manifestações culturais na web. O método utilizado para registros (fotográficos e como ouvinte) de eventos na biblioteca foi o da conversação (Reis *et al*, 2017), ou seja, diálogos entre os presentes (e que se sentiram

confortáveis a conversar), cujo assunto era o evento em si e não um questionamento roteirizado em formato acadêmico de investigação. Endossa-se ainda o uso da literatura periférica na feitura do trabalho foi não apenas pelo fato de o objeto de estudo ser uma biblioteca, mas como tal manifestação é de extrema importância para a formação da memória de um povo da periferia. Aliás, no decorrer destas páginas, usou-se o termo “literatura periférica” e não “marginal/periférica”, este último é comumente tratado em publicações sobre temas como a violência e exclusão social. Não que a literatura periférica não trate disso, porém ao utilizá-lo, levamos em consideração não apenas a questão da “margem”, mas também do aprofundamento sobre o próprio território (chamada de “quebrada”), espalhadas não apenas em São Paulo, mas em todo o Brasil. Citando André Botton (2019):

O primeiro termo [literatura marginal] é usado por autores como Ferréz – no sentido de que este sempre foi chamado de “marginal”, tanto pelo valor pejorativo do termo quanto por estar à margem do centro urbano, assim, o escritor ressignificaria o conceito por meio da sua produção –, e o segundo [literatura periférica], por Sérgio Vaz –, que prefere o uso de “literatura periférica”, pois marca o espaço da favela em relação ao centro urbano e difere da produção literária dos anos 1970 (Botton, 2019, p. 14).

Para Regina Dalcastagnè e Lucía Tennina (2019), as linguagens não podem ser engessadas, mas uma ponte de expressão, crítica e potência: “[...] baseiam-se não apenas na teoria literária, mas também na antropologia, na sociologia, nos estudos culturais, na geografia, na economia, na história, na ciência, na política, na música, na educação”. (Dalcastagnè; Tennina, 2019, p. 9-10). A antropologia é retratada por meio dessa literatura, são retrato das condições de vida de seus autores e meios em que vivem, sendo um caldo de cultura para prosa, prosa poética, poemas, histórias reais ou até mesmo ficcionais, como descreve Erica Peçanha do Nascimento (2019): “[...] junção de um modo de vida, de comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros de classes populares situados nos bairros tidos como periféricos” (Nascimento, 2019, p. 19).

Como visto, essa literatura quebra barreiras, dialogando entre quebradas e centros, imprimindo seu conceito estético e convidando a quem deseja ouvir e ser ouvido a conhecer relatos. E a biblioteca tem papel potencial nesse cenário, como observaremos a seguir.

São Miguel Paulista e Biblioteca Raimundo de Menezes: articulações para preservação da história e memória do bairro

São Miguel Paulista está localizado no extremo da zona leste da capital paulista, e abrange três distritos: São Miguel, Vila Jacuí e Jardim Helena, totalizando de 24,30 km² de extensão e 369.496 mil habitantes (somatória dos três distritos), em sua predominância, vindos

de estados do Nordeste (não à toa, uma das avenidas principais se chama Nordestina) (Prefeitura de São Paulo).

Seu principal ponto histórico é a Capela de São Miguel Arcanjo, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1938, considerado o templo religioso mais antigo do Estado de São Paulo. Erguida entre 1580 e 1584, reconstruída em 1622, a capela em 2022 completou 400 anos de fundação, por Padre José de Anchieta, funcionando até hoje como espaço religioso.

Outrora, o bairro se chamava aldeia de Ururay, nome dado pelos indígenas Guaianases ao Rio Tietê. Um dos coletivos que reconta essa história é o Grupo Ururay, sediado no bairro da Penha, que realiza estudos da então aldeia, mudando de nome para São Miguel de Ururáí por Padre José de Anchieta em 1560, até São Miguel Paulista de hoje, traçando um panorama dessa região às margens do Rio Tietê e do Ribeirão Baquirivu, seu afluente (Said, 2022). Casé Angatu Xukuru Tupinambá, docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, ao Jornal da USP, frisa essa necessidade de revisitá-la a história do território:

[...] São Miguel de Ururay, hoje a atual São Miguel, revoltados com as imposições tanto da Igreja Católica, quanto da coroa, da escravidão, do estupro, da violência que sofriam, cercaram o Pátio do Colégio para acabar com a dominação, tanto jesuítica como também a dominação colonial. Pouca gente lembra desse episódio. E quando chegam as décadas de 1930, 1940, 1950, o que vai acontecer com São Paulo? As grandes correntes migratórias, que se chamam genericamente de corrente de migração nordestina, eu chamo de diáspora indígena (Said, 2022, [s.p.]).

Outra articulação cultural é o Movimento Popular de Arte (MPA), considerado um dos mais longevos na região, datando os anos 1970/1980. Seus fundadores, entre eles o músico Gilson Pereira da Silva, conhecido por Sacha Arcanjo, reivindicavam uma política cultural livre e em espaços públicos, conseguindo, inclusive, a gravar um disco em 1985 e produzir cadernos poéticos (Franelas, 2012). Em 1978, ocupou a Capela de São Miguel Arcanjo e a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra (conhecida por Praça do Forró, por conta das festas de forró ocorridas e articuladas aos trabalhadores da Companhia Nitro Química Brasileira, que trataremos mais adiante) para uma intervenção artística, como descreve Valdemir Bueno Camargo (2016): “Eram produções artísticas preocupadas com a denúncia das condições de vida da população local e, ao mesmo tempo, do momento político do país, ainda vivendo sob a repressão da ditadura militar” (Camargo, 2016, p. 66). A capela, contudo, não foi mais concedida ao MPA, ocupando-se a praça: “[...] as intervenções culturais feitas aos domingos passaram a terminar sempre com um grande baile de forró e o local passou a ser conhecido também como Praça do Forró” (Camargo, 2016, p.67).

Esses exemplos de historicidade ao público das periferias, ou seja, as condições para determinar o que é histórico a um indivíduo ou grupo, e, consequentemente, é possível afirmar que os fragmentos de memórias coletados também formam esses sujeitos. A historicidade é uma expressão de “ordem dominante do tempo”, por diferentes regimes de temporalidade, como Hartog nos lembra (2014): “uma maneira de traduzir e de ordenar experiências do tempo – modos de articular o passado, presente e futuro – e de dar-lhes sentido (Hartog, 2014, p. 139).

Veremos a seguir as relações entre migração e a luta operária em São Miguel Paulista.

Migração e luta operária em São Miguel: Nitro Química Brasileira

Além da capela, o bairro conta com uma edificação que representa a luta por direitos trabalhistas: a Companhia Nitro Química Brasileira. Suas operações iniciaram-se em setembro de 1935, inaugurada pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, com o encerramento da fabricante norte-americana de seda artificial Tubize Chatillon Corporation. Os empresários Wolf Klabin (Grupo Klabin) e José Ermírio de Moraes (Grupo Votorantim) fundaram a primeira indústria brasileira do segmento de nitrocelulose e ácido sulfúrico (Nitro, 2024).

Há mais de oito décadas no distrito de Jardim Helena, atualmente, se denomina Nitro e desde 2011 o controle está a cargo do Grupo Faro Capital, nas áreas de nutrição animal e fisiologia vegetal (Portal Fusões e Aquisições, 2024), sendo tombada ano seguinte (2012) pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP).

Outrora, a força de trabalho era de moradores locais, interior de São Paulo, migrantes nordestinos, principalmente da Bahia, e de Minas Gerais (Fontes, 2002, p. 15), fenômeno migratório também na cidade de São Paulo em sua forte urbanização e industrialização, como vimos Saliba (2002) relatar anteriormente.

Uma série de documentos e entrevistas que retrataram essa época foram coletadas por Paulo Roberto Ribeiro Fontes (2002), professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenador do Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT/UFRJ). Realizou mais de 40 entrevistas com trabalhadores, lideranças comunitárias, moradores, sindicalistas e filiados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) (Memorial da Resistência, 2025), em sua tese de doutorado “Comunidade Operária, migração e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)”, defendida no programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp), em 2002 (1996-2002). Em um dos capítulos, retrata

as atividades culturais em São Miguel Paulista à época, como a implantação de uma sala de cinema (Fontes, 2002, p.186), e ações pelo direito à moradia (Fontes, 2002, p. 112), o que incluiu a vontade popular de tornar o bairro independente do município (Fontes, 2002, p. 349).

O historiador também salienta a pluralização dessas articulações, definidas por ele como ‘redes sociais’ e também adverte sobre a homogeneização do termo “bairro” em comparação ao de comunidade: “[...] associações de bairro, recreativas, educacionais, benéficas, étnicas, mutualistas, cooperativistas religiosas e artístico-culturais formaram uma gama complexa e multifacetada com os diferentes valores comunitários” (Fontes, 2002, p. 14).

Fica clara essa complexidade, muitas vezes conduzida pelo próprio ritmo fabril da Nitro Química, alianças informais entre migrantes em São Miguel Paulista com trabalhadores em trânsito, não estabelecidos na região por fatores como preço de moradia e parentes também migrantes já residentes no centro da cidade, reverberando-se na própria construção dos meios de vida no bairro. Esses ritmos de convivência despontaram na cultura, no lazer, no campo sindical e nas questões políticas, religiosas e na economia local, consequências do processo urbano ocorrido na segunda metade do século XX (Fontes, 2002, p. 21). E esse aporte popular deixou legados no bairro, como a subsede do Sindicato dos Químicos de São Paulo e a principal avenida na região, a Marechal Tito, em referência a Josip Broz Tito (1892-1980), líder comunista na antiga Iugoslávia. Antes, a avenida era a Estrada Velha São Paulo-Rio, por conta das viagens de D. Pedro I entre esses estados. Liga os bairros de São Miguel Paulista, Vila Curuçá e Itaim Paulista, até divisa com a cidade de Itaquaquecetuba (Prefeitura de São Paulo, 2024).

O levantamento de Fontes também envolveu arquivos de áudio e textos na web, como o podcast “Vozes Comunistas”, disponível no site do LEHMT, que homenageia o centenário do Partido Comunista Brasileiro (lembra em 2022). O episódio de número 08 é uma entrevista com Adelço de Almeida (1920 – 1994), migrante da Bahia e trabalhador na Nitro Química, militante e presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Química de São Paulo entre 1957 e 1964, cujo material, segundo a página do laboratório na web, está na “Biblioteca Raimundo de Menezes na cidade de São Miguel Paulista” (Costa; Fontes, 2024).

Fontes utilizou em seu trabalho documentos da própria Raimundo de Menezes, sendo mencionada em sua tese de doutorado como “Biblioteca de São Miguel Paulista” (Fontes, 2002, p. 391). Atualmente, o material está resguardado na biblioteca e passa por processo de conservação realizado pelo coletivo Passeando pelas Ruas, a ser falado mais adiante. É imprescindível o papel de pesquisadores, historiadores e coletivos independentes no esforço de coletar e conservar documentos e arquivos, e, principalmente, levá-los ao público, como

Jacques Le Goff (2013) denomina os “Documentos/Monumentos”, pois: “tudo o que permite a descoberta de fenômenos *in loco* (a semântica histórica, a cartografia, a fotografia aérea, a fotointerpretação) é particularmente útil” (Le Goff, 2013, p. 549).

Além das bibliotecas: espaços de cultura comunitária

A produção cultural nas comunidades também é uma forma de legitimar o direito à cidade (Tauscheck, 2014, p. 457). Os impactos diários de deslocamentos aos compromissos de trabalho e estudo relegam as opções de lazer dentro do próprio território, como adegas, bares, rodas de samba (ou funk) e atividades religiosas, sendo “agitação” cultural mais aderente aos que estão em coletivos, sejam aqui no Brasil, sejam em diversas localidades no mundo. Como expressa Thábara Torres (2022), “o direito à cidade se atenta para a ideia fundante de que são as desigualdades e as opressões que determinam como as vidas se desenvolvem na produção do espaço” (Torres, 2022, p. 335). Dessa forma, Cleber José de Oliveira (2019) explicita a relevância da história periférica como forma de reivindicar território: “É no espaço periférico que ocorre, em grande índice, a produção e circulação das histórias orais, as quais carregam consigo as tradições do folclore, dos ritos, dos saberes e das visões de mundo dos que nela e dela são oriundos” (Oliveira, 2019, p. 246).

Essa difusão de saberes e memórias, salienta-se, não são uma exclusividade das bibliotecas. Em São Miguel Paulista, podemos elencar o Galpão ZL, gerido pela Fundação Tide Setúbal, a Casa de Cultura Antônio Marcos, no distrito de Vila Jacuí, também abarcada pela prefeitura de São Paulo como a biblioteca Raimundo de Menezes, e iniciativas privadas, como a do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), que conta com uma biblioteca aberta ao público.

Com o *boom* dos saraus nos anos 2000, que lançou na produção independente de escritores periféricos, houve a necessidade de que para saírem do local era preciso entender o território, valorizá-lo e mostrá-lo à sociedade que sua produção cultural também é importante, pertinente e aglutinadora de, conforme vimos Hall (2006) salientar, identificações profundas de cada ser pertencente às periferias. O contraponto entre a padronização imposta pelas elites para a cultura é desconstruído pela ‘rebeldia’ (Reyes, 2013, p. 15) das camadas consideradas ‘inferiores’, com a pluralidade das manifestações artísticas, pelo cordel, pela poesia, pelos relatos periféricos e mais recentemente com a propagação de saraus, pontos e casas de cultura, bibliotecas públicas e as batalhas de rimas (*slams*).

Porém, é preciso destacar que ainda a elitização e a padronização estão presentes, em especial em uma sociedade que tem o capital como, literalmente, moeda de troca. A cultura é tratada como mercantil e um modo de quebrar esse ciclo é fomentar que a cultura múltipla e inclusiva. A professora Marilena Chauí frisa ainda que é preciso acabar com a divisão cultural, e amplia-la: “A cultura vem sendo usada há anos para aumentar ainda mais o abismo social entre o povo e a elite, já que a cultura de elite se torna hegemônica” (Carvalho, 2014). Espaços públicos, sejam físicos, sejam virtuais, são os palcos para a multiplicidade democrática e a biblioteca pública também é um acesso cultural, não apenas engessado no campo da literatura, mas como ponto de contato com as artes, como veremos a seguir.

Da Biblioteca de São Miguel Paulista a Raimundo de Menezes

A Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes está desde 1980 em São Miguel Paulista e surgiu após uma reivindicação dos moradores por um espaço de difusão de saber, conforme pesquisa pública feita no bairro em 1979. À época, o então Secretário de Cultura, Mário Chamie e o Administrador Regional de São Miguel Paulista, Horácio de Almeida, providenciaram sua instalação (Prefeitura de São Paulo). Em 12 de julho de 1980 foi inaugurada com o nome de Biblioteca de São Miguel Paulista, em um prédio alugado onde permaneceu até 1985, migrando a outro endereço que comportava o acervo.

Nesse período, mudou para Raimundo de Menezes (Decreto 21.778/1985, Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa), por sugestão do escritor Henrique Alves, ao participar de uma campanha da Gazeta do Tatuapé. O patrono, Raimundo de Menezes, nasceu no Ceará em 5 de março de 1903 e fez carreira em São Paulo como jornalista, escritor, diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira do poeta Guilherme de Almeida. Faleceu aos 80 anos em 13 de janeiro de 1984 (Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa).

Desde 2005, a biblioteca encontra-se na Avenida Nordestina nº 780, Vila Americana, e também realiza a distribuição de livros na Praça do Forró e imediações da estação São Miguel Paulista da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM).

Com programação mensal e a divulgação se dá por painel na porta de entrada, e-mail e redes sociais (Instagram e Facebook), estas um repositório de imagens das apresentações. Essas atividades são encaminhadas pela prefeitura, via Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa/Coordenação do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB), ou, conforme citado, por iniciativas de coletivos. Já público é formado por moradores, espontâneo, escolas municipais e do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA – serviço municipal de atividades

no contraturno escolar) e do Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), cujo registro de presença é por preenchimento de ficha na recepção da biblioteca, independentemente da permanência ou não em eventos, e quem os assiste é convidado a assinar um livro de visitas.

As atividades recorrentes são saraus, lançamentos, rodas de conversa, a comemoração do aniversário da biblioteca, a Jornada do Patrimônio (analisado neste trabalho), e um concurso de poesia anual, com participação aberta ao público em geral (usuária ou não). Já os que não são promovidos diretamente pela biblioteca são oficinas literárias, Festival do Livro de Literatura de São Miguel, evento anual externo que se apropria de pontos culturais da região, e o Festival da Memória, que trataremos mais adiante.

Importante ressaltar os aniversários comemorados da biblioteca, em que a comunidade é convidada a falar do espaço, de cultura e de memória. Uma dessas ocasiões data 2021, quando, por conta das restrições impostas pela pandemia de Covid-19, as pessoas frequentadoras enviaram por vídeo ou por escrito um depoimento à então jovem monitora que atuava no local. Em um post no Facebook da biblioteca, um frequentador relatou sua relação de leitor e participante das atividades há mais de 35 anos no equipamento, oportunidades essas em acompanhar as mudanças de endereço e de público. Também enfatizou que foi da época em que “se fazia fila para entrar na biblioteca” e, em sua opinião, “deveria haver fila ávida por conhecimento e livros gratuitos e tudo o que é oferecido nesse importante espaço público” (Facebook Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes, 2021).

Já a outra exposição data 12 de julho de 2024, no bate-papo presencial de 44 anos do espaço, sendo foi proposta uma discussão a relação com a biblioteca, cultura comunitária e retorno às memórias do bairro. Percebeu-se uma predominância da valorização de trajetórias de vida, muitas delas marcadas por uma infância no Nordeste e migração para São Paulo, ou mesmo nascidas em outros pontos da capital paulista e migraram para o bairro, em que a empregabilidade teve papel determinante nesse processo. Algumas falaram da participação de oficinas dentro da biblioteca como norteadora a fazer atividades como o ingresso à universidade.

Chamou a atenção, na referida roda de conversa, a palavra de uma mulher que estava no local pela primeira vez. Nos “tempos dela”, disse, a biblioteca se resumia a consulta silenciosa e de permanência breve, que “jamais” imaginou que fosse um ambiente de fala e troca, não apenas de impressos, mas de impressões, de histórias, de memórias. Como forma de agradecimento, recebeu um livro de poesias de uma das participantes do saraú de Jeane Silva, a ser falado no tópico Jornada do Patrimônio.

O estímulo de ressignificar vidas vai de encontro ao que a pesquisadora Marta Rovai (2013) constatou ao promover rodas de conversa com pescadores ribeirinhos no Maranhão, em que a tradição oral e seus costumes não se deterioraram, mas estão arraigados no ambiente e em vínculos indenitários: “Os narradores não são informantes, são intérpretes de seus próprios bens e valores [...]. Para reconhecer o patrimônio é preciso, antes, conhecer, inventariar e tornar público o que eles desejam conservar” (Rovai, 2013, p. 12; 15).

Nesse sentido, Paul Ricoeur (2003) nos coloca mais um ponto o entendimento de história e memória, imbricada por novos elementos, observando-os de maneira circular:

Se a tratarmos de um modo não linear mas circular, a memória pode aparecer duas vezes [...]: como matriz da história, se nos colocarmos no ponto de vista da escrita da história, depois como canal da reapropriação do passado histórico tal como nos é narrado pelos relatos históricos. [...] falamos da memória não só em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração, aquilo que chamavam *anamnesis*. E quando essa busca termina, falamos de reconhecimento (Ricoeur, 2003, p. 1-2).

Revisitando essas experiências, constata-se que ir à biblioteca não se restringe a uma consulta de um livro, mas na própria relação com hábito de ler e, ao haver um evento cultural, torna-se também acesso à cultura, mudando essas ideias sobre a função bibliotecal, de um ambiente protocolar a um cultural e de convivência. Ademais, Rovai (2013) explicita como a escuta das conversas, com singularidades e versões de cada participante, inclui as interpretações de quem as ouve, ou “a participação das comunidades nas decisões sobre suas próprias vidas” (Rovai, 2013, p. 14). Defende também que, bebendo da fonte de Zygmunt Bauman, não basta estar em um local para ser pertencente, mas ao primeiro contato, há trocas entre indivíduo e território (Rovai, 2013, p. 13).

Ou seja, a biblioteca não fica inerte a paisagem do bairro, mas contribui para atuar com São Miguel Paulista, a exemplo dos eventos analisados, Festival da Memória e a Jornada do Patrimônio, que observaremos a seguir.

Festival da Memória

O coletivo Passeando pelas Ruas nasceu há dez anos de uma ideia de três historiadores, Paola Pascoal, Renata Geraissati e Philippe Arthur dos Reis; e uma pedagoga, Paloma Reis, em mapear histórias de povos considerados “esquecidos” por meio de caminhadas pelos bairros de São Paulo. Dentre suas atividades, já promoveu a Residência Artística Periférica (RAP) na Capela de São Miguel Arcanjo (semelhante aos moldes do MPA), e um jogo de tabuleiro distribuído para escolas públicas do município (Ludosofia, 2024). E para celebrar essas ações,

em 22 de março de 2024 o coletivo promoveu o Festival da Memória na Raimundo de Menezes. O local escolhido pelo coletivo por, além da relação longeva, o trabalho de digitalização dos acervos documentais coletados por Paulo Fontes, que falamos anteriormente, com apoio do Programa Fomento à Cultura da Periferia (Lei Municipal nº 16.496/2016).

O evento englobou três mesas, sendo a primeira com o tema “literatura e poesia periférica”, com a pedagoga Amanda Silva expôs sua análise no uso de Histórias em Quadrinhos para tratar de questões de gênero na periferia, em 2017, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arquiteto Luís Saia, em São Miguel; e a professora e estudante de História Letícia Queiroz, contou o processo de produção de seu primeiro livro: “São Miguel Paulista, meu bairro, minha história”, um relato ilustrado da participação na RAP.

Já na segunda mesa tratou de “ocupação de território e cartografia de memória”, com Rogério Rai, cicloativista do coletivo Pedale-se, sobre mobilidade urbana e divulgação da história do bairro; Diógenes Sousa, Doutor em História e participante do Bloco Fluvial do Peixe Seco, que mapeia rios escondidos da cidade; e Paola Pascoal, do Passeando pelas Ruas, que falou da digitalização dos materiais coletados por Paulo Fontes, sendo um dos resultados a produção de um mapa, em exposição na biblioteca, com fatos como o papel das mulheres na mobilização operária, a vinda do Sistema Único de Saúde (SUS) para o bairro (atualmente a Unidade Básica de Saúde Nitro Operária).

Os participantes das mesas do Festival foram unâimes ao reivindicar uma maior presença da figura do historiador em centros culturais e na rua, sendo essencial para a preservação e rememoração da história sendo revelada entre as frestas e massas asfálticas da cidade, conforme mais uma vez salienta Hartog (2014), que a rememorar é uma ação ativa, pois: “[...] não é um surgimento involuntário do passado no presente; visando um momento do passado, ela tende a transformá-lo” (Hartog, 2014, p. 169).

Além das palestras analisadas, houve a terceira mesa, com o Centro de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDOC) Guaianás, que desde 2014 coleta a memória de bairros e distritos que margeiam a chamada passagem do rio Iguatemi (Lajeado, Guaianases, Cidade Tiradentes e São Mateus) também na zona leste, recebendo do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) o título de Ponto de Memória e também realizando ocupações culturais em bibliotecas e equipamentos da região (Sant'ana, Periferia em Movimento, 2024), o grupo de teatro Estopô Balaio e projeto Arte e Cultura na Kebrada.

Jornada do Patrimônio

Iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa de São Paulo (Departamento do Patrimônio Histórico e Coordenadoria de Programação Cultural), a Jornada do Patrimônio é um evento anual que objetiva valorizar bens culturais locais. O projeto-piloto se deu em 2015, inspirado nas Journées du Patrimoine, ocorridas há mais de quatro décadas na França (Ministério da Cultura da França), ganhando corpo por conta da Virada Cultural com apresentações artísticas descentralizadas para reforçar a pluralidade e o senso de pertencimento (Prefeitura de São Paulo), que também tem a biblioteca como participante. A Jornada é amparada pelas leis nº 16.546/2016, nº 14.133/2021; e o Decreto nº 62.100/2022, sendo esses últimos referindo-se ao chamamento e contratação de proponentes, majoritariamente pessoas físicas, e abarca três eixos: “Roteiros de Memória” (passeios por locais representativos para história e memória local), “Cursos” (de patrimônio cultural, material e imaterial da cidade, conforme tema central) e “Imóveis de Portas Abertas” (tombados ou em processo de tombamento, público ou privado, com mediação de proponente aprovado).

Diferentemente do exemplo francês, que realiza em setembro, a Jornada em São Paulo acontece em agosto, em comemoração ao “Dia do Patrimônio Histórico” (17 de agosto). Guiado por um tema central, que muda a cada ano, o de 2024 foi “Patrimônio e Sustentabilidade”, com atividades em equipamentos culturais geridos pela prefeitura, além de universidades e estabelecimentos de ensino na cidade (Prefeitura de São Paulo, 2024). A divulgação é feita pelas redes sociais e fotolivros e não restringe a capital, o Estado também promove o evento, que em 2024 o eixo foi “Ferrovias”, entre 2 e 3 de agosto.

A Biblioteca Raimundo de Menezes faz parte da programação graças à iniciativa da proponente Jeane Silva, psicóloga clínica, com especialização em gerontologia e agitadora cultural. Em 2024, promoveu o curso “Territórios Literários e Sustentabilidade de São Miguel Paulista: a pessoa idosa e sua relação com a cidade de São Paulo”, traçando um panorama dos territórios literários em que seu projeto, o Continuar, com início em 2014, primeiramente com experimentações poéticas feitas no bairro e no ano seguinte, na biblioteca, realizou o curso “Partilhando quem sou: histórias que construíram meu caminho até aqui”, com foco na escuta de memórias, saraus e mediação de leitura. Até o momento, o Projeto Continuar fez mais de 100 apresentações, presenciais e remotas.

Na Jornada de 2024, as pessoas presentes (maioria mulheres idosas já participantes de saraus) se apropriaram do “território literário”, ou seja, discutiram experiências literárias dentro de espaços como a biblioteca, enquanto a proponente também retratava a trajetória do projeto, por meio de apresentação de *slides*. Em um papel, um grid com os anos de 2014 a 2025 (em referência ao tempo do Projeto Continuar), para pôr um ‘pin’ nos anos mais marcantes. A

atividade culminava discutir o futuro, sobre quais territórios literários poderiam ser descobertos e marcados no ano de 2025. Uma provocação para despertar uma vontade em fazer algo novo, o que também inclui repensar o que foi feito anteriormente em prol da valorização cultural, memorial e histórica na periferia.

Observando essa busca de identificações e de pertencimentos, podemos perceber a necessidade de tais eventos para que as pessoas da periferia também dividam seus relatos e experiências com outras pessoas em outros territórios, como salienta Hall (2006), ao se referir a leitura de Ernesto Laclau: “As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos.” (Hall, 2006, p. 17).

Biblioteca Raimundo de Menezes em números

Este trabalho não propõe uma análise quantitativa, mas qualitativa das visitas na biblioteca, frisando a importância de tal espaço para memória comunitária e cultura em São Miguel Paulista. Esses números são para debruçar sobre a problemática descrita, ou seja, na tentativa de entender a diminuição ou não do número de frequentadores nas bibliotecas. Os dados apresentados³ referem-se ao ano de 2023 e até outubro de 2024, e, como mencionado anteriormente, são tabulados por conta do registro de presença via ficha na recepção da biblioteca e assinatura de livro de visitas.

A Raimundo de Menezes recebeu em 2023 (janeiro e dezembro) 2.836 visitantes e 89 eventos, sendo dois (2) saraus com público adulto, com 98 pessoas nesses dois eventos; já o encontro com autores foram também dois (2) com 65 participantes totais, e 14 encontros (temas variados) com 64 participantes no total. Já em 2024 (janeiro a outubro, última consulta), com 3.148 frequentadores e 127 eventos, sendo três (3) saraus com 96 participantes totais; 52 encontros (temas variados) com 801 participantes e cinco (5) encontros com autores com 104 participantes no total (Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa).

³ Tabelas (Lei de Acesso à Informação nº 12.527/11) no site da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, Sistema Municipal de Bibliotecas e referentes a público, matrículas, empréstimos, consultas, acervos e eventos (presenciais e online) de 54 bibliotecas e serviços de extensão em leitura vinculados à Coordenação do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB). SECRETARIA Municipal de Cultura e Economia Criativa, Sistema Municipal de Bibliotecas. Biblioteca em números. **Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, Sistema Municipal de Bibliotecas.** Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/informacao_publica/13740. Acesso em: 02 jan. 2025.

No decorrer de 2024, foram visitados doze (12) eventos entre janeiro e novembro, no esforço de ir a um por mês, priorizando saraus, conversa com autores e lançamentos de livros.

É possível observar que o papel da biblioteca se modificou no decorrer de suas mais de quatro décadas de existência: foi da consulta e empréstimo de exemplares, cujo auge foi a ida mais massiva (o “fazer fila”), até o entendimento, como apresentada na problemática, que essa frequência atual está imbricada a públicos mais assíduos, novos e antigos leitores, e estímulo de coletivos independentes e iniciativas da própria biblioteca. Ao debruçarmos nesses índices, refletimos também sobre o envolvimento de público, como participantes de atividades assistenciais que vai à biblioteca por causa da ação e não pela biblioteca; visitante espontâneo, que conferiu a programação pelos meios de divulgação (painel e redes sociais), ou ainda pelos meios de divulgação dos coletivos culturais que se apresentam no local.

Considerações finais

Ainda que estejam no cerne do estudo e da consulta, as bibliotecas esforçam-se para preservar e divulgar a memória de e em seus territórios e, consequentemente, à toda sociedade. Isso inclui o papel dos historiadores e grupos aqui citados, demonstrando que além de um impulso para enaltecer resistência desses moradores, aproximam-se do território como patrimônio histórico local. Seus papéis são cruciais, haja vista que as pessoas moradoras das periferias têm a sensação que o acesso à cultura se dá somente nos grandes centros, desvalorizando a riqueza de saberes nelas contidas no próprio território.

Realmente, quem é morador das periferias sabe que se levam horas para acessar um equipamento cultural, inclusive aos chamados “cinemas de shopping”, com exibição de filmes do grande circuito, cujo acesso pago precisa se encaixar no (apertado) orçamento dos trabalhadores. Para piorar, o que se passa na tela não reflete a realidade vista pela janela do ônibus e sentida na pele de quem sai de madrugada diariamente e que, dependendo das folgas, mais deseja “boa noite de sono” a fazer esse trajeto por entretenimento.

Eis, portanto, outras indagações e subjetividades: quais melhorias precisam ser feitas para que as pessoas tenham interesse à leitura e também à cultura local? Como as bibliotecas podem melhorar seus canais de comunicação? Como o poder público pode estimular o acesso às bibliotecas, especialmente ao que se refere a memória comunitária?

Constatata-se então que a Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes é importante para a memória do bairro graças a esse esforço coletivo para a difusão de cultura, mesmo com todas as intempéries, seja fomentada por editais públicos, seja por ações próprias, inclusive voluntárias. No mais, o público frequentador é estimulado por essas iniciativas e fica

evidente que tais ações também são uma ponte de resgate da memória do bairro e de seus moradores.

Contudo, que não podemos avistar essas memórias de maneira uniforme, mas plural, pois as experiências/vivências pessoais impactam diferentemente, como alerta Ricoeur (2003): “ [...] as recordações são, por assim dizer, narrativas e que as narrativas são necessariamente seletivas. Se somos incapazes de se lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar; a ideia de narrativa exaustiva é uma perfeita insensatez” (Ricoeur, 2003, p. 7). Que esse esforço amplie a noção de território, de direito à cidade, de valorização dessas narrativas, impedindo o apagamento, já que o esquecimento é inerente da natureza humana. E que os centros de memórias, como as bibliotecas dentro das comunidades, sejam também espaços para manifestação de identificações dos povos das periferias brasileiras.

Afinal, nas palavras de Nora (2012), “a necessidade de memória é uma necessidade da história” (Nora, 2012, p. 14).

PERIPHERAL STORIES OF THE SÃO MIGUEL PAULISTA NEIGHBORHOOD: THE RAIMUNDO DE MENEZES MUNICIPAL PUBLIC LIBRARY AS A CENTER OF MEMORIES

Abstract: This article aims to analyze a public library named Raimundo de Menezes (Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes) and its importance as a cultural and memory center in São Miguel Paulista, at eastern zone of São Paulo, Capital (zona leste de São Paulo). Furthermore, there is a 2024' events analysis at the library, emphasis on two of them referring to public history: Festival of Memory (Festival da Memória – March) and the Patrimony Day (Jornada do Patrimônio – August), as well as a brief history about this library and São Miguel Paulista. Whose trajectory is based on popular movements and important buildings, such as the Chapel of São Miguel Arcanjo and the Companhia Nitro Química Brasileira (Nitro Chemistry Brazilian Company), and the efforts of independent collectives to preserve the Patrimony and residents' memories.

Keywords: Libraries. Public history. Social history. Memory. Patrimony. Periphery.

HISTORIAS PERIFÉRICAS DEL BARRIO SÃO MIGUEL PAULISTA: LA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL RAIMUNDO DE MENEZES COMO CENTRO DE MEMORIAS

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar a biblioteca pública Raimundo de Menezes (Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes), y su importancia como centro cultural y de memoria en São Miguel Paulista, zona este de São Paulo, Capital. Analiza los eventos de 2024 en la biblioteca, con énfasis en dos referidos a la historia pública: Festival de la Memoria (Festival da Memória – marzo) y Día del Patrimonio (Jornada do Patrimônio – agosto), una breve historia sobre esta biblioteca y São Miguel Paulista. Cuya trayectoria se basa en movimientos populares y construcciones importantes, la Capilla de São Miguel Arcanjo y Companhia Nitro Química Brasileira (Compañía Brasileña de Química Nitro), y los esfuerzos de colectivos independientes por preservar el patrimonio y la memoria de los residentes.

Palabras clave: Bibliotecas. Historia pública. Historia social. Memoria. Patrimonio. Periferia.

Referências

BOTTON, André Natã Mello. **Realismo e violência em romances da literatura marginal-periférica brasileira: a representação da favela.** Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/14778>. PUC RS, Porto Alegre, 2019, p.14. Acesso em: 07 mar. 2024.

CAMARGO, Valdemir Bueno de. Movimento popular de arte de São Miguel Paulista: da política cultural à cultura como política. **Revista Acadêmica Multidisciplinar.** Paraná: Universidade Estadual de Maringá (UEM). N. 34, junho-novembro, Ano 2016. ISSN 1519.6178, p. 66-67. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/revurut.vi34.29373>. Acesso em: 06 jan. 2025.

CARVALHO, Gabriel. “É preciso ampliar nosso conceito de cultura”, diz Marilena Chauí em palestra na USP. **AUN USP**, São Paulo: 10 de dezembro de 2014 - Ano: 47 - Edição Nº: 98 - Arte e Cultura – Faculdade de Educação. Disponível em: <https://usp.br/aunantigo/exibir?id=6485&ed=1139&f=5>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CONPRESP. Tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira. São Paulo, 08 de maio de 2012. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. **CONPRESP.** Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-da-cultuura-conpre-10-de-7-de-junho-de-2012/consolidado>. Acesso em: 08 maio. 2025.

CÔRTE, Andréa Telo da; BARROS, J. S.; LIMA, L. M. G.; HADLER, M. S. D.; ROVAI, M. G. O.; KOBELINSKI, M. Como fazer a história local se tornar pública, e para quem? In: Juniele Rabêlo de Almeida e Rogério Rosa Rodrigues (org.). **História Pública em Movimento.** 1 ed. São Paulo: Letra e Voz, 2021, v. 1, p. 89; 102.

COSTA, H.; FONTES, P. Podcast Vozes Comunistas #08 – Adelço de Almeida. **Laboratório de Estudos dos Mundos do Trabalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEMT/UFRJ).** Arquivo de áudio. Disponível em: <https://lehmt.org/vozes-comunistas-08-adelco-de-almeida/>. Acesso em: 31 out. 2024.

DALCASTAGNÈ, R.; TENNINA; L. (org.). **Literatura e periferia.** Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Zouk, 2019, p. 09-10.

FACEBOOK Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes. Depoimento do frequentador. **Facebook Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes.** São Paulo, 01 set. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/bmraimundomenezes/videos/ol%C3%A1-a-todos-eu-sou-a-carla-jovem-monitora-cultural-na-biblioteca-como-contei-par/947639362485119/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FACEBOOK. Passeando pelas Ruas. Projeto Vozes Periféricas pelo Passeando pelas Ruas. **Facebook. Passeando pelas Ruas.** São Paulo: 3 de agosto de 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/passeandopelasruas/photos/5459856927438806/?locale=ms_MY&rdr. Acesso em: 04 jul. 2024.

FACEBOOK Projeto Continuar. Projeto Continuar. **Facebook Projeto Continuar.** Disponível em: <https://www.facebook.com/ProjetoContinuarOficial/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FACEBOOK. Viva MPA. Viva MPA. **Facebook. Viva MPA.** Disponível em: <https://www.facebook.com/VivaMPA?fref=ts>. Acesso em: 06 jan. 2025.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Companhia Nitro Química Brasileira, São Paulo (SP). **Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://lehmt.org/lmt100-companhia-nitro-quimica-brasileira-sao-paulo-sp-paulo-fontes/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Comunidade operária, migração e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966).** Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/226466>. Unicamp, 2002, p. 14; 21; 112; 186; 349; 391. Acesso em: 28 out. 2024.

FRANELAS, Escobar. Arte e Política, O "Movimento Popular De Arte" de São Miguel Paulista. **Recanto das Letras.** São Paulo, 23 de novembro de 2012. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4000546>. Acesso em: 07 jan. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 137-138; 143.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 17; 39.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Tradução: Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 2014, p. 161; 139; 169.

INSTAGRAM Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes. **Instagram Biblioteca Pública Municipal Raimundo de Menezes.** Disponível em: https://www.instagram.com/bmraimundo_menezes/. Acesso em: 15 jan. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 07 ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013, p. 549.

LUDOSOFIA. Jogo de tabuleiro revela particularidades de S. Paulo. **Ludosofia.** Disponível em: <https://ludosofia.com.br/noticias/jogo-de-tabuleiro-revela-os-recantos-de-sao-paulo/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

MARTIN-BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 99; 141; 143; 145; 146; 148.

MEMORIAL da Resistência. Fábrica Nitro Química. **Memorial da Resistência.** Disponível em: <https://memorialdaresistenciaasp.org.br/lugares/fabrica-nitro-quimica-de-sao-miguel-paulista/>. Acesso em: 15. Fev. 2025.

MINISTÉRIO da Cultura da França. Journées du Patrimoine. **Ministério da Cultura da França**. Disponível em: <https://journeesdupatrimoine.culture.gouv.fr/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NASCIMENTO, Erica Peçanha do. Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano. In: DALCASTAGNÈ, R.; TENNINA; L. (org.). **Literatura e periferia**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Zouk, 2019, p. 19; 24.

NITRO. Linha do Tempo. **Nitro**. Disponível em: <https://nitro.com.br/a-nitro>. Acesso em: 27 jun. 2024.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos lugares. Tradução: Yara Maria Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados de História**. ed. 10. São Paulo: PUC, 2012, p. 09; 14. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 08 jan. 2025.

OLIVEIRA, Cleber José. Periferia é periferia em qualquer lugar: da favela à aldeia, o RAP como elo poético de resistência. In: DALCASTAGNÈ, R.; TENNINA; L. (org.). **Literatura e periferia**. 01 ed. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Zouk, 2019, p. 246.

PORTAL Fusões e Aquisições. Após fazer aquisições, Nitro avança no campo. **Portal Fusões e Aquisições**. Disponível em: <https://fusoesaquisicoes.com/acontece-no-setor/apos-fazer-aquisicoes-nitro-avanca-no/>. Acesso: em 27 jun. 2024.

PREFEITURA de São Paulo. Assistência Social, Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/rede_socioassistencial/criancas_e_adolecentes/331323. Acesso em: 15 mar. 2024.

PREFEITURA de São Paulo. Dicionário de Ruas, Avenida Marechal Tito. **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/historia-da-rua/avenida-marechal-tito>. Acesso em: 08 maio. 2025.

PREFEITURA de São Paulo. Jornada do Patrimônio chega a 40 municípios em todo o estado de São Paulo. **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/jornada-do-patrimonio-chega-a-40-municipios-em-todo-o-estado-de-sp>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PREFEITURA de São Paulo. Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: [https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/rede_socioassistencial/criancas_e_adolecentes/331337#:~:text=Serviço%20de%20Acolhimento%20Institucional%20para%20Crianças%20e%20Adolescentes%20\(SAICA\),-Ter%20Dferida%20C%202014&text=O%20SAICAs%20tem%20o%20objetivo,e%20social%20e%20de%20abandono](https://capital.sp.gov.br/web/assistencia_social/w/rede_socioassistencial/criancas_e_adolecentes/331337#:~:text=Serviço%20de%20Acolhimento%20Institucional%20para%20Crianças%20e%20Adolescentes%20(SAICA),-Ter%20Dferida%20C%202014&text=O%20SAICAs%20tem%20o%20objetivo,e%20social%20e%20de%20abandono). Acesso em: 21 fev. 2025.

PREFEITURA de São Paulo. Subprefeitura de São Miguel Paulista. **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_miguel_paulista/historico/index.php?p=432. Acesso em: 14 mar. 2024.

QUARESMA, Camila. SP ganhou bibliotecas nos últimos anos, mas taxa por 100 mil habitantes é menor do que em outras cidades da América Latina. **G1**. São Paulo, 23 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/23/sp-ganhou-bibliotecas-nos-ultimos-anos-mas-taxa-por-100-mil-habitantes-e-menor-do-que-em-outras-capitais-da-america-latina.ghtml>. Acesso em: 09 jan. 2024.

REIS, Graça; GONÇALVES, R.M; RIBEIRO, T.; RODRIGUES, A. Estudos com os cotidianos e as rodas de conversação: pesquisa político-poética em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul: v. 25, n. 3, 2017. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 29 set. 2024.

REYES, Alejandro. **Vozes dos porões: a Literatura periférica/marginal do Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013, p. 15.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism: Budapest, 2003, p. 1-2.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Tradição oral e patrimônio imaterial: o papel da memória na luta por políticas públicas na Comunidade de Canárias, Maranhão. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**. Campinas, São Paulo, v. 21, n. 1, 2013, p. 12-15. DOI: 10.20396/resgate.v21i25/26.8645749. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645749>. Acesso em: 01 nov. 2024.

SAID, Tabita. Grupo de estudos da USP resgata memórias e bens culturais da zona leste da capital; produtores locais revelam um passado de lutas e recontam história das origens da cidade. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/patrimonio-historico-da-periferia-revela-historia-de-resistencia-em-sao-paulo/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.155-156; 190.

SANT'ANA, Paula. Centros de memória evidenciam lutas periféricas e contam a história das quebradas de SP. **Periferia em Movimento**. São Paulo, 21 de maio de 2024. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/centrosdememorias052024/>. Acesso em: 25 maio 2024.

SCHITTINO, Renata. O conceito e o compartilhamento da história. In: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (org.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 39.

SECRETARIA Municipal de Cultura e Economia Criativa, Sistema Municipal de Bibliotecas. Biblioteca em números. **Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, Sistema Municipal de Bibliotecas**. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/informacao_publica/13740. Acesso em: 02 jan. 2025.

SECRETARIA Municipal de Cultura e Economia Criativa. Fomento à Cultura da Periferia. Prefeitura da Cidade de São Paulo. **Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa**. São Paulo: 31 de março de 2023. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/index.php?p=27841>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SECRETARIA Municipal de Cultura e Economia Criativa. Histórico da Biblioteca Raimundo de Menezes. **Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa.** Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/raimundodemenezes/index.php?p=5470. Acesso em: 14 mar. 2024.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. “Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento”. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação.** Campinas, São Paulo: Universidade São Francisco, 2000, p. 63-64. (Coleção Memória da Educação). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/730294578/Memoria-Cultura-e-Poder-Na-Sociedade-Do-Esquecimento-Olga-Rodrigues-de-Morais>. Acesso em: 23 out. 2024.

TAUSCHECK, Wagner. Lugares de memória: museologia comunitária e as primeiras aproximações com a educação histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Anais do 6º Seminário de Educação Histórica “Passados Possíveis: A Educação Histórica em Debate”.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014, p. 457.

TORRES, Thábara Silva Garcia Machado. O que pode a periferia? **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural.** Alagoinhas, Bahia: Fábrica de Letras - UNEB, v. 10, n. 1, 2022, p. 335. DOI: 10.30620/gz.v10n1.p329. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/13947>. Acesso em: 29 set. 2024.

VILLALTA, L. C. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 331; 385.

SOBRE A AUTORA

Keli Vasconcelos Sousa de Melo é graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP; especialista (Pós-Graduação Lato Sensu) em História Pública e Ensino de História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Blog: <https://keliv1.tumblr.com/>

Enviado em 30/07/2025

Aceito em 09/12/2025